



**NEHTE**

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HIPERTEXTO  
E TECNOLOGIA EDUCACIONAL



Artigos

## PENSAR EM HIPERTEXTO \*

Fabiana Komesu \*\*

A ambigüidade do enunciado que dá título a este ensaio é proposital. Por um lado, trata-se da reflexão sobre a questão do hipertexto, mais especificamente, no domínio dos estudos lingüísticos; por outro, da consideração de um modo de apreensão dos fatos de mundo mediante o paradigma do hipertexto, isto é, mediante um modo de pensar (e de agir, de experimentar) considerado não-linear, não-hierárquico, rizomático, múltiplo. Não por menos, o conceito de hipertexto é objeto de diversas áreas do conhecimento, do desenvolvimento tecnológico às ciências sociais, às relações políticas, à filosofia, à educação, à lingüística, entre outras. O hipertexto é freqüentemente associado às discussões como as de Deleuze & Guattari sobre o conceito de rizoma (1995); às de Derrida, sobre a desconstrução do logos (1973<sup>1</sup> apud Ribeiro & Jucá, 2004); às de Barthes, sobre a morte do autor (1988) e à ascensão do leitor (1992); às de Foucault, a propósito da função autor e das fronteiras do texto/enunciado na constituição dos discursos (1992, 1996, 1997), para ficarmos com os exemplos mais eloqüentes.

As referências aos estudos filosóficos, sócio-históricos e semiológicos certamente me interessam, na medida em que considero sua relevância na constituição dos usos da linguagem, o hipertexto incluído. Entretanto, não me preocuparei em realizar uma revisão dos autores citados, relacionando-os ao hipertexto. Há estudos reconhecidos, como o de Bolter (2001) e o de Landow (1997) na teoria crítica, e as reflexões filosóficas bastante otimistas de Lévy (1993, em particular; 1996; 1999), amplamente divulgadas no Brasil. Proponho-me, aqui, à investigação e à caracterização da questão do hipertexto da perspectiva dos estudos lingüísticos. Procurarei problematizar a construção de sentido no hipertexto a partir de noções discutidas por estudiosos da Lingüística Textual – principalmente as de texto, autor e leitor –, articuladas aos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa.

Antecipo que ao término deste ensaio ainda haverá questões a serem respondidas. Não estou me furtando à responsabilidade nesta reflexão; é, antes, uma dificuldade inerente ao tema, cujos estudos na área da Lingüística começaram a ser produzidos (e publicados) apenas muito recentemente. Crystal (2001), em prefácio a sua obra *Language and the Internet*, analisa que seria impossível escrevê-la há cinco anos (em 1996), dentre outros motivos, pela falta de estudos acadêmicos por ele considerados consistentes. Trata-se de um assunto que se apresenta como *mult(i)-: multimídia, múltiplo, multilinear, multivocal* em sua constituição. A delimitação de fronteiras torna-se tarefa árdua e deve-se admitir a necessidade de uma *multidisciplinaridade* (ou *pluridisciplinaridade*) em sua avaliação, não restrita, portanto, aos estudos da Lingüística.

---

\* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada, no 1º semestre de 2004, como proposta de qualificação na área de Lingüística Textual (sob a responsabilidade da Profª. Drª. Ingedore Grunfeld Villaça Koch, com a participação do Prof. Dr. Sírio Possenti e do Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi) do curso de pós-graduação em Lingüística do IEL/UNICAMP. Posteriormente, foi publicado como capítulo do livro *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*, organizado por Júlio César Araújo e Bernardete Biasi-Rodrigues (Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.87-108).

\*\* Doutoranda em Lingüística – IEL/UNICAMP, bolsista CAPES. E-mail: f.komesu@uol.com.br

<sup>1</sup> DERRIDA, J. A escritura pré-literal. In: *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p.03-120 apud RIBEIRO, J. C. S. & JUCÁ, V. J. A experiência da hipertextualidade e suas inversões. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/experien.html>. Coletado em: 15/04/04.

## 1. A metáfora do pensamento

Se este texto tivesse circulação pela internet, poderíamos selecionar algumas palavras-chave, a exemplo do próprio termo **hipertexto**, ou um enunciado como “**a história do hipertexto** atravessa um campo multidisciplinar...”, marcá-las como *links* (ligações eletrônicas) e pular diretamente para a caracterização lingüístico-discursiva do tema proposto. Ao leitor caberia posicionar o cursor do *mouse* sobre o *link* e seguir (ou não) a indicação marcada para leitura. Entretanto, não há os recursos do suporte material. Em se tratando de um texto impresso, poderíamos nos contentar com as já conhecidas notas de rodapé, tão eficientes quanto os *links*, neste caso. E poderíamos nos surpreender com a indisposição do leitor do texto impresso, que mesmo dispondo de informações adicionais sobre a história do hipertexto, opta por desconsiderá-las. Com essa caracterização, interessa-me mostrar que há semelhanças (como marcar o texto, seja com um *link*, seja com um asterisco manuscrito) e diferenças (o suporte material como modo de acesso à informação) a serem levadas em conta.

**Selecionar** (um texto escrito, imagem ou som) **por associação** foi a idéia motriz de Vannevar Bush, matemático e físico a quem se atribui o protótipo do hipertexto. É como se uma **rede neural** fosse materializada em termos mecânicos. Bush idealizou um dispositivo denominado *Memex*, que seria capaz de criar ligações entre uma dada informação e outra, independentemente de qualquer classificação hierárquica. A idéia foi divulgada em 1945, no célebre artigo “As we may think”, escrito no contexto da Segunda Grande Guerra, quando Bush era diretor do escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico do governo Roosevelt. De acordo com o editor do periódico *The Atlantic Monthly*, onde o artigo foi publicado, Bush era um pesquisador que almejava colocar à disposição dos homens o conhecimento herdado das gerações precedentes, proporcionando, assim, a interação entre o pensamento humano e a soma de toda produção científica.

A proposta de Bush consistia em criar um reservatório de documentos que pudesse abarcar, ao mesmo tempo, textos escritos, imagens e sons. “Um memex é um dispositivo no qual um indivíduo armazena todos seus livros, arquivos e informações, e que é automatizado de tal modo que pode ser consultado com velocidade e flexibilidade excelentes. É uma esplêndida ferramenta que complementa a memória”<sup>2</sup> (Bush, 1945).

O dispositivo *Memex*, que ainda não se podia chamar de hipertextual, tinha como modelo as associações realizadas pela mente humana. O próprio Bush reconheceu a dificuldade de reprodução desse complexo sistema. No entanto, acreditou que se o homem ainda não era capaz de duplicar o processo mental de maneira artificial, poderia, certamente, com ele aprender. A idéia que concernia à relação com o cérebro humano era, portanto, a de *seleção por associação*, mais do que pela indexação clássica. *Memex* tornou-se um paradigma na história das chamadas tecnologias da inteligência e, conseqüentemente, na do hipertexto.

O termo **hipertexto** surge nos anos sessenta, com outro pesquisador nos Estados Unidos, Theodor Holm Nelson. Nelson explica, em suas memórias, que a escolha do termo foi orientada pela conotação positiva que o prefixo *hiper-* pode assumir em certas ciências, a exemplo de “extensão e generalidade, como no *hiperespaço* matemático” (Nelson, 1992: 49 apud Marcuschi, 1999: 42-43).<sup>3</sup> Nelson e Andries van Dam eram os coordenadores do projeto Xanadu, primeiro sistema hipertextual colocado em prática na *Brown University*. Segundo Nelson, o hipertexto era um conceito unificado de idéias e de dados interconectados, de modo que esses podiam ser editados em computador. Tratava-se de uma instância que colocava em evidência tanto um sistema de organização de dados quanto um **modo de pensar** (Nelson, *Literary Machines*, 1993 apud Xavier, 2002: 23).

---

<sup>2</sup> A responsabilidade da tradução de citações de obras não publicadas em língua portuguesa é minha.

<sup>3</sup> NELSON, T. H. Opening Hypertext: a memoir. In: TUMAN, M. C. (Ed.) *Literacy Online*. The promise (and peril) of reading and writing with computers. Pittsburgh & London: University of Pittsburgh Press, 1992. p.43-57 apud Marcuschi, 1999: 42-43.

O conceito do hipertexto como metáfora do pensamento humano torna-se padrão. Lévy, por exemplo, retoma o conceito de que a memória é estruturada de maneira que o ser humano compreende e retém melhor o que estiver organizado em relação espacial, como em **representações esquemáticas**. O hipertexto propõe **vias de acesso** e instrumentos de orientação sob forma de **diagramas**, de **redes** ou de **mapas** conceituais manipuláveis e dinâmicos, o que vem favorecer, segundo Lévy, um domínio mais rápido e fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso tradicional (Lévy, 1993: 40). Dada potencialidade de textos a que se pode ter acesso, o hipertexto é visto, ainda por esse autor, como um “grande **metatexto** de geometria variável, **com gavetas, com dobras**”. O acesso a múltiplos caminhos é realizado mediante essas “**gavetas com fundo falso**”, que levam a outras (Lévy, 1993: 41).

A partir de um *corpus* constituído por citações de estudiosos do hipertexto, Anis (1991) propõe avaliar a questão das chamadas **hipermetáforas**, que caracterizam o conjunto de dispositivos simbólicos construídos para, no e pelo hipertexto, relacionadas às metáforas dessa noção (**via expressa, trilha, labirinto**), aos elementos de sua interface (**janelas**), aos paradigmas (o hipertexto como **metáfora do pensamento**) e às questões ideológicas (o hipertexto como **utopia**). Segundo esse autor:

O recurso à metáfora computacional sempre nos pareceu um pouco estapafúrdio: criam-se máquinas mais adaptadas o possível ao ser humano, baseando-se nas hipóteses sobre o funcionamento do pensamento e fica-se extasiado porque as ditas máquinas confirmaram aquelas hipóteses. Mas talvez seja uma visão um pouco caricatural das coisas. [Anis, 1991: 254]

Caricatural ou não, a observação de Anis é importante para o estudo da constituição de um léxico próprio de uma dada formação discursiva. A associação hipertexto/pensamento produz efeitos de sentido avaliados de maneira positiva por seus idealizadores. O prefixo *hyper-*, escolhido por Nelson, confere ao termo hipertexto (ele próprio uma metáfora do texto) certo caráter de superioridade em relação ao texto tradicional. Proponho investigar se essa superioridade, de fato, existe, e quais os critérios para seu estabelecimento, na observação de uma concepção de linguagem que fundamenta a associação entre hipertexto e pensamento.

## 2. Uma condição pós-estruturalista

Do ponto de vista de suas condições de produção, acredito que o conceito de hipertexto está intimamente relacionado ao paradigma pós-estruturalista. Estudiosos do hipertexto, como Landow (1997) e Bolter (2001), enfatizam o papel do leitor na arquitetura hipertextual, a exemplo do que teóricos da literatura fizeram com a função leitor do texto impresso nos anos 70 e 80. Ambos – estudiosos da teoria crítica literária e do hipertexto – qualificaram o leitor como aquele que responde de maneira “ativa” ao texto, o qual passa a existir a cada momento do ato de leitura. Dentre as obras mais citadas na instauração do discurso sobre o hipertexto, está, precisamente, *S/Z* de Barthes (1992), na qual ele decompõe a novela *Sarrasine* de Honoré de Balzac em 561 unidades (*lexias*) para o trabalho de uma leitura “plural, isto é, sem ordem de entrada” (Barthes, 1992: 49). Ao leitor cabe a escolha dos caminhos a serem seguidos para o deleite de sua atividade, de modo a tornar-se, ele próprio, autor do texto.

Da perspectiva dos estudos lingüísticos sócio-interacionais, Xavier (2002) avalia como o funcionamento do hipertexto materializou a agenda da chamada Pós-Modernidade. O autor ratifica as hipóteses de Landow, de Bolter e de outros teóricos por ele citados: “é necessário

abandonar o sistema conceitual baseado nas idéias de centro, margem, hierarquia, linearidade, para dar lugar à multiplicidade, aos nós, às ligações, às redes, condições e possibilidades apresentadas pela Pós-Modernidade” (Xavier, 2002: 37). Para Xavier, o hipertexto é condição para o aparecimento do que ele chama “modo de enunciação digital”, que torna complexas as operações de escrita e institui modificações nas formas de acesso às informações, de modo a entrecruzá-las e ampliá-las (Xavier, 2002: 28-29). Xavier concebe o hipertexto como um “espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e **construir sentido**” (id., grifos meus).

Acredito que a questão da construção de sentido é indispensável em uma reflexão sobre o hipertexto. O epíteto “revolução das revoluções” é comumente atribuído ao hipertexto. Celebra-se a novidade desse espaço cujo traço principal seria a liberdade de expressão (do autor) e de escolha (do leitor), com a manifestação de práticas que estariam desvencilhadas das restrições do mundo impresso, e que seriam impulsionadas pela hipermídia e pela circulação das informações em rede mundial.

É Possenti (2002) quem realiza, da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, uma instigante crítica a respeito do hipertexto e a construção de sentido. Para Possenti, a decifração de um texto, a descoberta de seu tema e de suas relações intertextuais, não têm de ver, tão somente, com uma mudança produzida pelo suporte material. A passagem do manuscrito ao eletrônico não é suficiente, segundo esse autor, para alterar o sentido do texto, isto é, seu “conteúdo”, de maneira a torná-lo totalmente acessível ou “transparente” aos leitores.

Ora, o texto nunca é transparente, e por este motivo é que se apela para estratégias de interpretação. Possenti aponta, então, para uma concepção de linguagem que coloca o texto no centro da questão da interpretação da leitura, como a responsável pela “redução” da função autor e a ascensão da função leitor no hipertexto:

não foi o hipertexto que reduziu o autor a seu modesto lugar, mas uma concepção de linguagem que, por várias vias, imaginou poder mostrar que, fosse lá o que fosse que o autor quisesse dizer, seu texto o ultrapassaria ou o trairia, seja porque estivesse submetido a regras do gênero, seja porque o autor poderia estar submetido, sem saber, a desejos de dizer que não controlasse (as obras de Propp e as incursões da psicanálise pela literatura, em todos os sentidos, completaram o serviço, na esteira do estruturalismo). [Possenti, 2002: 211-212]

Possenti ressalta que o papel do autor já se encontrava em crise com o estruturalismo. Evoca um outro célebre artigo de Barthes (1988) para indagar o que se diz sobre a redefinição das funções autor e leitor com o advento do hipertexto (Possenti, 2002: 211).

Há, aqui, uma questão importante para a problematização do que se produz como discurso sobre o hipertexto. O entusiasmo quanto às inegáveis transformações pode levar a pensar que é o hipertexto, como dispositivo técnico, o motivo pelo qual o leitor torna-se *co-autor* com a dita liberdade irrestrita na relação com o texto. Ignora-se, assim, como uma dada concepção de linguagem condiciona as práticas, os conhecimentos e os saberes de uma sociedade. A mudança nas atividades com o hipertexto é, sem dúvida, inquestionável, como também admite Possenti (Possenti, 2002: 210). O que está em discussão é uma mudança de sentido do texto, como “conteúdo”, atribuída ao hipertexto. É possível, agora, distinguir uma concepção de linguagem pós-estruturalista que condicionou a constituição do discurso sobre o hipertexto e suas práticas, com a redefinição da função autor e da função leitor. Apresento, a seguir, a análise de um hipertexto em uma de suas possíveis realizações.

### 3. Um só ou muitos textos?

A figura a seguir compõe o material de minha pesquisa:<sup>4</sup>

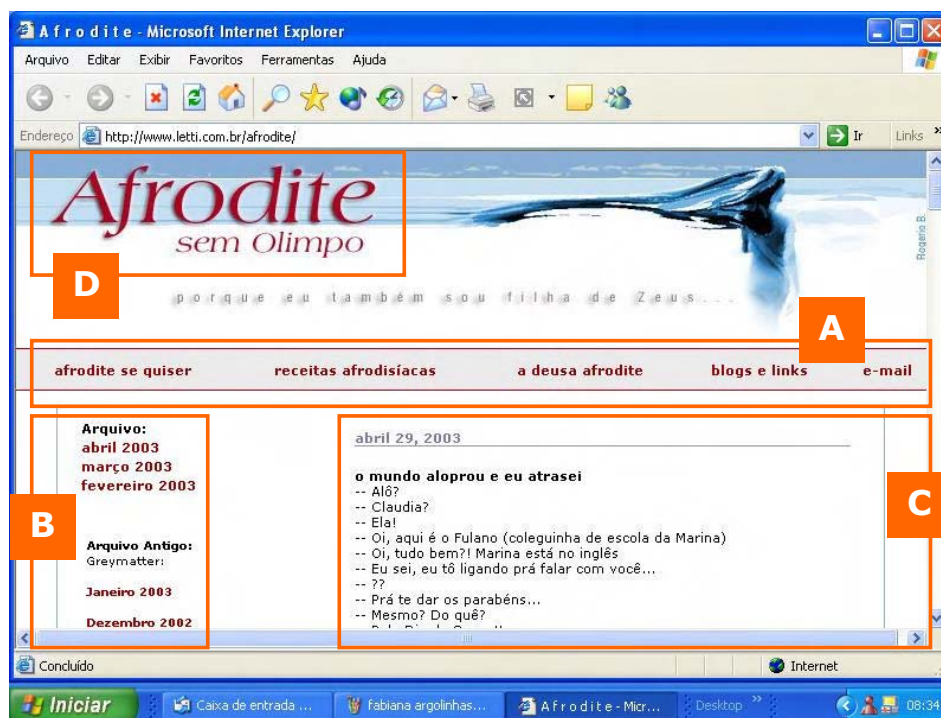


Figura 1: *Afrodite sem Olimpo*. Fonte: <http://www.letti.com.br/afrodite/>. Coletado em 29/04/03 (os destaques em cor de laranja são meus).

Não me interessa, neste momento, problematizar a questão dos *blogs*, os chamados diários da internet. Sua introdução tem como objetivo a avaliação de dispositivos hipertextuais.

As letras capitulares, em caixas cor de laranja, referem-se a alguns dos elementos mais comuns na composição de um hipertexto:

**A – Navegação principal** ou **navegação global**, barra que reúne os *links* considerados diretamente relacionados ao conteúdo que o *website* propõe expor.

**B – Subnavegação** ou **navegação local**, barra que reúne os *links* considerados pelo autor como interessantes para o leitor. Em “Afrodite sem Olimpo”, são *links* para arquivos já “postados” (publicados) em rede. Por se tratar de um “diário” na internet, imagina-se que quem visita o *website* tem interesse em conhecer as histórias precedentes do escrevente.

**C – Conteúdo**, assim chamado por se tratar do texto mais importante da página em acesso.

**D – Título da página** (“Afrodite sem Olimpo”), que, neste caso, também tem um subtítulo (“porque eu também sou filha de Zeus...”).

Cada um dos *links*, isto é, cada uma das palavras, dos trechos do texto em destaque, dos eventuais elementos gráficos, dá acesso a um outro hipertexto da internet. A ordem de

<sup>4</sup> Tese de doutoramento em Lingüística intitulada “Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da internet”, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bernadete Marques Abaurre no IEL/UNICAMP, com financiamento da CAPES.

acesso dos *links* é estabelecida pelo leitor. O hipertexto pode também apresentar animação e som. No caso deste *blog*, há o uso de animação gráfica.

O *blog* “Afrodite sem Olimpo” é produzido pela escrevente brasileira Cláudia. Ela narra as histórias de seu cotidiano fazendo referência ao nome Cláudia (como indicado em C), mas é reconhecida como Afrodite na internet.

Observamos que a construção do *blog* retoma a personagem Afrodite, deusa grega da beleza, do amor e da fertilidade. Podemos notar que o título (D) e o subtítulo estão ilustrados com a imagem fluida de uma mulher em azul com cabelos longos. Afrodite é a deusa que nasceu das espumas do mar; mas, neste caso, trata-se de uma Afrodite humanizada porque não pertence ao Olimpo, e sim ao mundo dos mortais. A intertextualidade diz respeito aos discursos sobre deuses pagãos e também à fé católica (ou ao sincretismo religioso?) no Brasil. A autora obtém esse efeito de sentido pelo emprego da paranomásia (figura de linguagem que apresenta palavras com grafia e som próximos, mas com sentidos diferentes) e pelo paralelismo das estruturas dos enunciados. O subtítulo “porque eu também sou filha de Zeus” recupera a estrutura do dito popular “porque eu também sou filho(a) de Deus”. Como é sabido no Brasil, esse dito se refere à igualdade de condições entre todos os seres humanos diante do deus onipotente. A autora consegue manter a qualidade da coerência de seu mundo textual: ainda que seja uma “deusa” sem lugar entre os imortais – Cláudia se descreve como “uma balzaquiana mãe de família, mortalzinha da silva, com um cotidiano absolutamente normal e sem nenhuma sombra de mito” –, ainda assim, ela não deixa de ser filha de Zeus (ou de Deus).

Aponto, também, para o trabalho da escrevente na elaboração de sua barra de navegação principal (A). Trata-se dos *links* que os leitores devem escolher para acompanhar com proximidade as histórias da autora do *blog*. Os três primeiros operam de maneira coerente com o plano global da personagem. O primeiro se vale do recurso da paranomásia e do paralelismo, como no trabalho com o título. **Afrodite se quisier** remete a “Acredite se quisier”, dito utilizado para justificar histórias que são difíceis de serem “engolidas”. Ao clicar sobre o *link*, o leitor tem acesso a uma outra página em que Cláudia explica as razões pelas quais escolheu o nome Afrodite para o título de seu *blog*. Acreditem ou não, ela seria uma estudiosa em astrologia e Afrodite é a deusa que rege seu signo do zodíaco (libra). Cláudia resolveu eleger Afrodite como sua representante na internet.

A escrevente explica que depois de batizar o *blog* como “Afrodite”, passou a receber inúmeras visitas de usuários que procuravam referências sobre a deusa grega ou receitas afrodisíacas. “Basta enxergar um afrodite qualquer e pronto: supõe-se que é onde eles estejam”. A autora, no entanto, não especifica o valor circunstancial do advérbio *onde*, nem parece se dar conta de que o leitor do hipertexto pode chegar, mediante os dispositivos de busca, a *sites* sobre o mito, receitas afrodisíacas ou a um endereço inusitado como o de seu *blog*. Cláudia tomou a decisão de enumerar referências sobre Afrodite no *link o mito da deusa* e acrescentar **receitas afrodisíacas** no *link* de mesmo nome. As receitas *on-line* foram extraídas do livro impresso da escritora chilena Isabel Allende, *Afrodite: contos, receitas e outros afrodisíacos* (Bertrand Brasil). É sabido que o adjetivo afrodisíaco se refere aos ingredientes que impulsionam o desempenho sexual, já que Afrodite é a deusa do amor. O emprego do adjetivo tem a importante função de corroborar o campo lexical da personagem escolhida por Cláudia.

Em **blogs e links**, Cláudia elabora uma lista com 98 *links* para *blogs* de seu interesse e outros 28 *links* para *sites* de diversos assuntos, como música, cinema, fotografia e literatura. A elaboração de listas de *links* é recurso notadamente utilizado na internet. Nos *blogs*, as listas têm como função colocar em evidência e fazer circular os *sites* dos demais escreventes para a comunidade de leitores deste gênero de texto: são estratégias de sobrevivência na internet.

Consideremos que cada um dos *links* tem um URL.<sup>5</sup> Ao acessar o hipertexto (um outro *blog*, por exemplo), o leitor irá se deparar com outra gigantesca lista de *links* (conseqüentemente, com outros textos escritos, imagens, sons) e assim sucessivamente. Não há, portanto, limites definidos para seu desenvolvimento. Em **e-mail**, a autora deixa seu endereço para envio de mensagens. Por fim, na barra de subnavegação (**B**), há *links* para arquivos já “postados” (enviados em rede) em **fevereiro, março e abril de 2003**, além de outros do ano anterior (2002).

Marcuschi (1999) avalia que os *links* têm princípios variados: “semânticos, cognitivos, culturais, sociais, históricos, pragmáticos, temáticos, científicos, teóricos”, entre outros. O que está em questão, segundo esse autor, é um trabalho de ostensão (uma *dêixis*) que sugere uma ligação possível por meio de uma espécie de *relevância mostrada*. Esse mesmo autor ressalta como conseqüência das complexas ligações hipertextuais a perda das noções de *coerência* e de *topicidade*. Podem existir adições, divisões, inserções, substituições, derivações, disjunções que comprometem a *continuidade temática* e a *progressão referencial* (cf. Marcuschi, 1999: 33-35).

Acredito que o *blog* “Afrodite sem Olimpo” é um exemplo bem sucedido de elaboração de processos semânticos produtivos que visam a atender ao plano geral do hipertexto e a apreender a atenção do outro, o leitor. Da perspectiva dos estudos clássicos em Linguística Textual, poder-se-ia dizer que o trabalho da escrevente com o *frame* “Afrodite” aciona com eficácia os chamados conhecimentos de mundo a respeito da mencionada deusa (beleza, amor, sexo, sedução, segredos da culinária). A escrevente consegue estender os atributos da personagem ao seu próprio posicionamento como ser humano.

Devemos levar em consideração que os *websites* são criados com propósitos muito diferentes: alguns destacam o caráter pessoal; outros, o âmbito profissional; há aqueles cuja finalidade é institucional ou comercial. “Afrodite sem Olimpo” é somente um dos possíveis modelos de hipertexto que circulam na rede. Em Landow (1997), podemos encontrar a classificação de outras formas de construção hipertextual, definidas por seus usos e limitações em relação ao modo de leitura (cf. Landow, 1997: 11-20).

Enfim, como definir o hipertexto em Linguística? Trata-se de um único texto imensurável que se concretiza como *acontecimento* no suporte material? Ou são incontáveis textos, potencializados em cada *link* que dá acesso a outro hipertexto?

Koch (2002) coloca em questão se o hipertexto é um texto, como concebido pela Linguística Textual: o texto como uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido, plurilinear em sua construção. A questão é oportuna, uma vez que a autora parte do princípio de que “todo texto é um hipertexto”. Segundo Koch, todo texto tem um sistema de remissões internas, capaz de interconectar as informações nele contidas. Em um texto acadêmico, exemplo utilizado por Koch, há referências, citações, notas de rodapé ou de final de capítulo, que funcionariam como os *links* do hipertexto. Em outro exemplo, advindo do gênero reportagem, a autora analisa a existência de *boxes*, tabelas, fotos e ilustrações que o leitor deve considerar caso queira ter uma visão completa do fato noticioso. Há, pois, para Koch, a presença de uma **multissemiose** característica tanto da notícia jornalística, quanto do hipertexto na internet. A diferença entre o texto impresso e o hipertexto estaria “apenas no suporte e na forma e rapidez de acesso” (Koch, 2002: 61-62).

Koch considera que o hipertexto é um texto sujeito às condições básicas de textualidade, “desde que estas sejam entendidas, conforme a sugestão de Beaugrande (1997)<sup>6</sup>,

---

<sup>5</sup> URL (*Uniform Resource Locator*, “Localizador uniforme de recursos”) é um protocolo de comunicação que emprega um método uniforme para designar a localização de um determinado documento/arquivo na internet. O URL de “Afrodite sem Olimpo”, por exemplo, é <http://www.letti.com.br/afrodite/>

<sup>6</sup> BEAUGRANDE, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Ablex, 1997 apud KOCH, 2002: 67.



como princípios de acesso e não de boa formação textual” (Koch, 2002: 67). Marcuschi (2000a), fundamentando-se na mesma obra de Beaugrande, ressalta aspectos que delimitam a noção de texto em Linguística Textual “não [como] uma simples seqüência de palavras escritas ou faladas, mas [como] um **evento**” (Marcuschi, 2000a: 10, grifo no original). O texto é, assim, visto como (1) um *sistema de conexões entre vários elementos* (sons, palavras, enunciados, participantes, ações etc.); (2) um *multi-sistema* que envolve aspectos lingüísticos e não lingüísticos em seu processamento; (3) um *evento interativo* que se dá como um processo e uma co-produção; (4) composto por *elementos multifuncionais* (como um som, uma palavra, uma significação, uma instrução), devendo ser processado com esta multifuncionalidade. Marcuschi conclui, fundamentado em sua explanação e na noção de texto, “que o hipertexto está perfeitamente enquadrado nessa perspectiva” (Marcuschi, 2000a: 10-11).

#### 4. O hipertexto

Da perspectiva dos estudos lingüísticos, Marcuschi (1999) define o hipertexto da seguinte maneira:

O hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos, mas como um tipo de escritura. É uma forma de *organização cognitiva e referencial* cujos princípios constituem um conjunto de *possibilidades estruturais* que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não contínuas e não progressivas. Considerando que a linearidade lingüística sempre constituiu um princípio básico da teorização (formal ou funcional) da língua, o hipertexto rompe esse padrão em alguns níveis. Nele, não se observa uma ordem de construção, mas possibilidades de *construção textual plurilinearizada*. [Marcuschi, 1999: 21 (grifos no original)]

Koch (2002) avalia que o hipertexto “constitui um suporte lingüístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas” (Koch, 2002: 63). A autora concorda com a definição de Marcuschi e enfatiza que se trata de uma forma de estruturação textual que redefine o papel do leitor como co-autor do texto (id.).

Xavier (2002) concebe o hipertexto como um dispositivo “textual” digital multimodal e semiolingüístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros), disponibilizado na internet em um endereço eletrônico, e que se encontra interligado a outros hipertextos mediante os *hiperlinks (links)* que o constituem. Para esse autor, o *hiperlink* é a idéia motriz do hipertexto, uma vez que se trata de um dispositivo que possibilita a relação de hipertextos de maneira não-sequencial, arbitrária e rizomática. Mais do que relacionar textos em rede, trata-se de relacionar pessoas e instituições (Xavier, 2002: 152-153).

Concordo com as definições de Marcuschi (1999, 2000a, 2000b), Koch (2002) e Xavier (2002). As ressalvas em relação a certas proposições serão discutidas adiante. Diria que o hipertexto é um dispositivo, ao mesmo tempo, *material e intelectual*, que permite, mediante os *links* nele indexados, acessar os demais hipertextos que circulam na internet, criando, dessa maneira, estruturas textuais que são atualizadas pelas práticas e pela história individual de cada leitor. O hipertexto não é um suporte material ou um único texto, mas uma prática multimodal que envolve os processos de escrita e de leitura atualizados na tela do computador.

#### 5. Traços do hipertexto

Procurei relacionar os principais traços do hipertexto e, quando possível, discuti-los em sua especificidade como fenômeno da linguagem:

a) **intertextualidade**. O hipertexto permite, mediante os *links* nele indexados, o acesso a inúmeros outros hipertextos que circulam pela rede. Da perspectiva dos estudos lingüísticos, há, pois, a instauração de um *diálogo*, como observado em Bakhtin (1997), entre *vozes* que se encontram no “interior” de um (hiper)texto e referências tomadas como “externas” (visualizadas com um clique do *mouse*). Bolter avalia que a escrita eletrônica encoraja os usuários a pensarem como as relações intertextuais podem ser pormenorizadas e explicitadas – jamais de maneira integral, mas com precisão crescente (Bolter, 2001: 178-179). De fato, a intertextualidade é colocada em evidência com o uso dos *links* no hipertexto. Há, porém, uma intertextualidade não-marcada que é igualmente constitutiva da heterogeneidade da linguagem. A intertextualidade implica o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e, como em todos os seus usos, há sempre a projeção de uma imagem do interlocutor, do outro. O trabalho do escrevente no meio eletrônico consiste, especialmente, em escolhas estratégicas de *links* que estimulem o leitor a trilhar caminhos que o autor considerou desejáveis, produzindo, desse modo, os efeitos contextuais pretendidos. Neste ponto, o estudo da noção de relevância é importante, como assinalaram Marcuschi (1999: 33-35), Koch (2002: 68-70) e Possenti (2002: 217). O autor, entretanto, é incapaz de controlar a *coerência* e a *progressão tópica* nos hipertextos escolhidos pelos leitores, cujos conhecimentos e interesses lhe são, muitas vezes, desconhecidos (o que também ocorre nos textos ditos tradicionais). Marcuschi sugere o estudo de uma *macrocoerência* a ser trabalhada nas ligações entre os hipertextos (cf. Marcuschi, em particular, 2000a). Em Lingüística, podemos, ainda, acompanhar a discussão sobre a intertextualidade no hipertexto em Marcuschi (1999: 30-31; 2000a: 8, 15), Koch (2002: 67-68), Xavier (2002: 32) e Vandendorpe (1999: 103-112).

b) **não-linearidade**. É considerada como o traço principal do hipertexto. Trata-se, na definição de Nelson (1992) citada por Marcuschi (1999), de uma flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que possibilitam a elaboração de vias navegáveis. De um ponto de vista da linearidade lingüística, entretanto, não há subversão na ordem sintagmática, fonológica ou textual. “[O hipertexto] rompe a ordem de construção ao propiciar um conjunto de possibilidades de *constituição textual plurilinearizada*, condicionada por interesses e conhecimentos do leitor-co-produtor” (Marcuschi, 1999: 33, grifos no original). Ainda segundo Marcuschi, a não-linearidade sugere o descentramento, isto é, a inexistência de um foco dominante, traço comumente associado ao hipertexto. Marcuschi, com quem concordo, considera que, embora seja verdade, o descentramento não chega a constituir uma novidade, se for observado que o texto sempre foi tido como passível de diversas interpretações e de múltiplas leituras (cf. Marcuschi, 1999: 31).

c) **volatilidade**. É um traço apontado por Bolter e retomado por Marcuschi (1999), no sentido de que o hipertexto não tem a mesma estabilidade, por exemplo, dos textos impressos: “todas as escolhas são passageiras quanto às conexões estabelecidas por seus leitores; esta característica sugere ser o hipertexto um fenômeno essencialmente *virtual*, decorrendo daí boa parte de suas demais propriedades” (Marcuschi, 1999: 24). Xavier analisa, ainda, a questão da imaterialidade do hipertexto em relação ao texto tradicional, já que não se pode tanger taticamente o hipertexto (Xavier, 2002: 30). Concordo em pensar que as práticas no meio eletrônico, principalmente as do hipertexto, tenham o caráter de volatilidade, de uma produção em tempo real que resulta na qualidade de *tornar-se vapor, espalhar-se pelo ambiente*, até o ponto de não mais ser reconhecido, ou de ser para sempre esquecido (cf. Komesu, 1997: 100-107). Nas ligações hipertextuais não há um caráter de permanência do material, como o atribuído ao texto impresso. Entretanto, coloco em questão a afirmação de

que o hipertexto é um fenômeno essencialmente virtual. Acredito que a virtualidade seja um traço constitutivo de toda atividade de escrita, independentemente de seu meio de divulgação. A prática de escrita é desenvolvida em um espaço abstrato e tem como horizonte uma imagem de interlocutor projetada pelo escrevente. A virtualidade pode ser definida, nas palavras de Lévy, como o movimento inverso ao da atualização (Lévy, 1996). Na internet, pode-se incorrer no equívoco de se associar virtualidade e desmaterialização (esta sim, característica do meio eletrônico).

d) **fragmentaridade.** É um traço relacionado à ausência de um centro regulador imanente ao hipertexto (cf. Koch, 2002: 64). Para Marcuschi (1999), “consiste na constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou fugas” (Marcuschi, 1999: 25). De meu ponto de vista, essa característica está intimamente associada ao projeto pós-estruturalista, assim como a não-linearidade e o descentramento, que são associados ao hipertexto. A fragmentaridade no hipertexto é estendida à função autor, que é visto, neste paradigma, como incapaz de controlar o tópico ou o leitor. O leitor, por sua vez, é considerado *co-autor* – outra fragmentaridade – por “organizar” os fragmentos textuais a que tem acesso. A respeito da fragmentaridade seria interessante investigar, por exemplo, o próprio conceito de fragmento (e a especificidade de sua terminologia) segundo as diversas perspectivas epistemológicas relacionadas ao hipertexto. Clément<sup>7</sup> enumera algumas delas: fala-se em *nó*, em informática; em *página-tela*, em ergonomia; em *unidade de sentido*, em semântica; em *parágrafo*, *capítulo*, em retórica; em *lexia*, nos estudos literários (termo cunhado por Barthes, 1992); em *seqüência*, no cinema.

e) **espacialidade topográfica.** É um conceito de Bolter (2001), segundo o qual o hipertexto é um espaço “topográfico”, no qual a escrita eletrônica pode ser tanto uma representação verbal quanto visual, sem limites para seu desenvolvimento (Bolter, 2001: 36). Na avaliação de Marcuschi (1999), esta seria uma característica, de fato, inovadora, pois desestabiliza os *frames* ou “enquadres” de que se dispõe para a identificação dos limites textuais (Marcuschi, 1999: 25). A consideração da espacialidade topográfica poderia ser associada à seguinte questão: há um fim para o hipertexto? O fim do hipertexto poderia ser imaginado como o momento em que o usuário decide desconectar a máquina; no entanto, os hipertextos permanecerão em rede para o acesso contínuo.

f) **multissemiose.** É o traço que se define pela possibilidade de estabelecer conexão simultânea entre a linguagem verbal e a não verbal (imagens, animações, som) de maneira integrativa, graças aos recursos de hipermídia (cf. Bolter, 2001, em particular, capítulo 4). Por viabilizar estes diversos aportes, inclusive o sonoro, é que acredito que a multissemiose do hipertexto não pode ser comparada à do texto impresso do jornal, como visto em Koch (2002: 62). Para Xavier (2002) há uma confluência específica dos modos enunciativos no hipertexto que são interpostos, ao mesmo tempo, na tela do computador (cf. Xavier, 2002: 30). Talvez a multissemiose seja o traço que evoca mais diretamente o vínculo com o suporte material para a realização do hipertexto.

Marcuschi (1999) ainda atribui ao hipertexto as características de *acessibilidade ilimitada*, de *interatividade* e de *iteratividade*. Por acessibilidade ilimitada, o autor considera a possibilidade de o hipertexto permitir o acesso a quaisquer tipos de fontes, não apresentando, em princípio, limites quanto às ligações que permite estabelecer. A interatividade refere-se à interconexão propiciada, de um lado, pela multissemiose e pela acessibilidade ilimitada, e de outro, pela contínua relação entre o leitor e os múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real. Por fim, a iteratividade estaria relacionada à natureza intrinsecamente intertextual do hipertexto, na relação entre textos e fragmentos em forma de citações, notas, consultas etc.

---

<sup>7</sup> Trata-se de anotações feitas em sala de aula, referentes ao curso “Ecritures hypertextuelles” ministrado pelo professor Jean Clément na Université de Paris VIII (Vincennes – Saint Denis), de outubro de 2002 a janeiro de 2003, em Paris, França.

(cf. Marcuschi, 1999: 25). Koch (2002) atribui ao hipertexto, além das características mencionadas, a *interatividade*, a *iteratividade* e a *descentração*, essa decorrente “de um deslocamento indefinido de tópicos, embora não se trate, é claro, de um agregado aleatório de fragmentos textuais” (Koch, 2002: 64).

De meu ponto de vista, questiono a acessibilidade ilimitada como característica do hipertexto. O próprio Marcuschi faz uma ressalva quanto a essas ligações que seriam “em princípio” infinitas. A consideração de uma acessibilidade ilimitada está ligada à imagem de um leitor que, como veremos a seguir, é concebido como “todo poderoso”, sem coerções de quaisquer ordens. O fato de a internet ter um número imensurável de fontes não significa que se pode ter acesso a todas elas. O leitor, como sujeito histórico, encontra-se condicionado pelos processos sociais dos quais decorrem seu conhecimento de mundo, suas preferências e suas práticas de exclusão. A chamada acessibilidade ilimitada desconsidera, além disso, a existência de dispositivos técnicos dos quais pessoas físicas e instituições se valem para serem colocadas em primeiro lugar em um *ranking* (como *top links*) de um *site* de busca, por exemplo. O emprego desses dispositivos restringe, e muito, o acesso a quaisquer páginas que estejam em rede. A *interatividade* e a *iteratividade* são questões que considero inseridas na *intertextualidade* do hipertexto. Não consigo entender de que modo uma relação contínua com múltiplos autores, “praticamente em superposição em tempo real”, possa se dar no hipertexto. Se a questão for a da relação síncrona, penso que ela é possível em programas de bate-papo como ICQ ou IRC, mas como efetua-las nos hipertextos? A hipótese seria dispor de *links* para esses programas nos hipertextos e, a partir deles, acessar os programas específicos, não mais de natureza hipertextual. Quanto à *descentração* apontada por Koch (2002), eu retornaria ao argumento já apresentado em (b), a propósito da associação entre *não-linearidade* e *descentramento*. Como explica Marcuschi, a inexistência de um foco dominante – ou de um “deslocamento indefinido de tópicos” – não é exclusividade do hipertexto.

Avaliados os traços que caracterizam o hipertexto, analisarei como a função autor e a função leitor se encontram incorporadas a este *evento* textual.

## 6. O autor e o leitor no hipertexto

Da perspectiva do **autor**, observo que, com o advento do hipertexto, é possível colocar em circulação sua produção de textos escritos, imagéticos, sonoros, sem a ingerência do sistema editorial tradicional. Não é pouco, se se pensar nas restrições impostas, por exemplo, por fatores como a censura das instituições, os custos de produção, de distribuição, de divulgação de quaisquer obras. Poder-se-ia afirmar, com Chartier (1999), que a função autor no texto eletrônico torna-se múltipla, pois ele passa a ser imediatamente editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores (tarefa antes conferida ao distribuidor e ao livreiro) (Chartier, 1999: 16).

A possibilidade de circulação sem restrições declaradas é avaliada de maneira positiva também por Bolter (2001). No domínio da teoria crítica, trata-se da abertura de um debate sobre a instituição dos cânones literários, sobre as razões pelas quais se incluem ou excluem autores e suas produções. O escritor-autor do texto eletrônico, para Bolter, é um “artesão” que trabalha com determinados materiais (cujas limitações são as do sistema do computador) e propósitos. O hipertexto consiste não apenas das palavras que o autor escreveu, mas também da estrutura das decisões que criou para que o leitor explore a página eletrônica. Apesar das restrições decorrentes da seleção dos *links*, Bolter acredita que o leitor seja livre para se deslocar como quiser, o que o torna um participante *ativo* na produção textual eletrônica (cf. Bolter, 2001: 165-170). Marcuschi (1999) observa, entretanto, que as restrições quanto à marcação dos *links* podem ser simplesmente de ordem tecnológica e que no futuro, talvez,

elas acabem (cf. Marcuschi, 1999: 29). Os efeitos decorrentes desta “hipertextualidade radical”, porém, ainda não foram debatidos.

Parece haver, de fato, vantagens para o autor do hipertexto, mas elas ainda não correspondem à conquista definitiva da publicação irrestrita dos textos. Possenti (2002) avalia com cuidado essa “possibilidade infinita de publicação”. Segundo Possenti, deve-se considerar a existência de diferentes critérios para a consagração quer de um romancista, de um cientista, de um jornalista, seja no meio eletrônico ou no suporte de papel. Não se deve confundir a queda de um tipo de barreira com sua ausência pura e simples (Possenti, 2002: 214-215).

A discussão da função autor como modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos é conhecida em Foucault (1992). É ele quem apresenta a idéia de que, em uma determinada sociedade, certos gêneros, para poderem circular e serem recebidos, têm necessidade de uma identificação fundamental dada pelo nome de seu autor, enquanto outros não. A questão é interessante de ser analisada no hipertexto. Como a “apropriação dos discursos” é possível quando os textos estão sujeitos a reescrituras múltiplas, à fragmentaridade resultante da ação de escolhas inesperadas dos leitores e de um “copiar/colar” que ignora a autoridade do produtor?

Indagado a respeito da preservação dos princípios dos direitos do autor na era eletrônica, quando a obra toma uma multiplicidade de formas, Chartier (1999) retoma a questão do objeto da propriedade (o *copyright*) discutida no século XVIII, para responder à questão. Segundo Chartier, a comunidade dos livreiros e gráficos de Londres considerava que o fundamento sobre o qual se deveria aplicar o conceito de *right in copies*, isto é, do direito sobre o exemplar, era o manuscrito a ser transformado em livro impresso. Assim:

Durante o século XVIII, todo um trabalho foi feito para desmaterializar essa propriedade, para fazer com que ela se exercesse não sobre um objeto no qual se encontra um texto, mas sobre o próprio texto, definido de maneira abstrata pela unidade e identidade de sentimentos que aí se exprimem, do estilo que tem, da singularidade que traduz e transmite. Abre-se aqui um caminho para esclarecer a situação contemporânea. O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, de descorporalização da obra, que se torna muito difícil de estancar? Todos os processos modernos sobre a propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, de plágio, de empréstimo, já estão ligados a esta dupla questão: a dos critérios que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica. [Chartier, 1999: 67]

Pode-se dizer que o processo de desmaterialização (da obra) mencionado por Chartier é desdobrado nas funções autor e leitor do hipertexto, concebidas sob o mesmo paradigma. A função autor, ao mesmo tempo em que é beneficiada pela possibilidade de divulgação em extensão rizomática, é ameaçada por práticas que a desestabilizam como “fonte” e “origem” dos (hiper)textos. Coloca-se em questão a própria atribuição de autoria. A depender do tipo de página eletrônica, ela será mais ou menos reivindicada. No caso dos *blogs*, por exemplo, parece desejável que a autoria seja reconhecida, pois o número de acessos é indício do reconhecimento de seu produtor e critério para a sobrevida na internet. Mas como a autoria pode ser atribuída? Em “Afrodite sem Olimpo”, a autora é Cláudia ou a personagem? É possível conceder os direitos de autor a um apelido na internet? Como tratar, de maneira ética, essa questão?<sup>8</sup> No caso das páginas institucionais, alguém as produziu, mas não há

---

<sup>8</sup> No domínio da pesquisa acadêmica, fui solicitada, em 2001, a especificar o método de análise do material proveniente de produções escritas coletadas na internet. O processo foi instaurado junto ao Comitê de Ética em

identificação por nomes próprios. Em geral, é uma outra instituição especializada em *web design* que assume a função autor.

Entre a suposta liberdade de publicação e o comprometimento de seus direitos clássicos, o autor do hipertexto é concebido como o que organiza a produção textual, assinalando os *links* que orientam as escolhas do leitor em sua trajetória no meio eletrônico. Estou de acordo com Possenti (2002), quando ele associa este conceito de autor (organizador da seqüência textual) à função que se atribui ao leitor. O **leitor** do hipertexto é comumente definido como *co-autor*, na medida em que deve organizar a seqüência do que vai ler, “clitando ou não palavras-chave, por exemplo, ou seja, indo ou não a um outro espaço, e tendo ido, decidir se volta ou não ao texto como o autor teria disposto ou imaginado”. Para Possenti, trata-se de tematizar somente uma das funções do autor e do leitor, talvez não as mais importantes (Possenti, 2002: 215).<sup>9</sup>

O leitor do hipertexto é o que responde de maneira “ativa”, uma vez que as interconexões ficam sob sua responsabilidade (Landow, 1997: 4). Os estudos em Literatura e Educação enfatizam a possibilidade de formação de um *hiperleitor*, com todas as atribuições positivas que o uso do prefixo pode evocar ao nome. Autores como Landow (1997) e Bolter (2001) imaginam uma geração de *wreaders* [*writer* (aquele que escreve) + *reader* (aquele que lê)] muito mais participantes da relação com o texto, porque conseguem adicionar *links*, comentários e, eventualmente, conseguem corrigir, expandir, apagar o texto, interagindo com o(s) autor(es) do hipertexto, em um tipo de intervenção considerado impossível no nível do impresso. Segundo Bolter, quando se permite ao leitor a possibilidade de modificar tais estruturas textuais, também se lhe atribui uma responsabilidade que é a de autor (cf. Bolter, 2001: 152).

Chartier (1999) é um dos estudiosos que discutem a função leitor articulada às práticas e convenções instauradas na longa história das maneiras de ler. Segundo Chartier, as diversas maneiras de ler encontram-se condicionadas aos suportes, que colocam em jogo a relação com o corpo do leitor, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. É diferente o tipo de anotação que um leitor pode fazer nos espaços em branco de um livro em rolo, no códex ou em um livro impresso, se comparado ao que se pode fazer no suporte eletrônico, como sugerido por Landow e Bolter. Assim, o novo suporte do texto permite usos e intervenções do leitor “infinitamente mais numerosos e livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro” (Chartier, 1999: 88-91).

Para Marcuschi (1999) e Koch (2002), o leitor tem o controle cognitivo e informacional no hipertexto, desempenhando, inclusive, um papel que consideram mais rico do que o do leitor do texto impresso. Segundo Marcuschi:

Na realidade, com o hipertexto, tem-se a impressão de uma autoria coletiva ou de uma espécie de co-autoria. A leitura se torna simultaneamente uma escritura, já que o autor não controla mais o fluxo da informação. O leitor determina não só a ordem

---

Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e por ele aprovado. Cabe ressaltar o fato de que o debate sobre o tema é ainda incipiente na área das Ciências Humanas, o que compromete o trabalho de pesquisa e a qualidade dos resultados que dela se poderia obter.

<sup>9</sup> Para os estudos em Análise do Discurso, é por certo interessante discutir os critérios de legitimação da autoria nos hipertextos ou, ainda, uma noção de autoria que leve em conta suas condições de produção no meio eletrônico (a esse respeito, cf. Komesu, 2001: 75-78). Pode-se problematizar a questão da relevância na escolha dos *links* e, nesse caso, o tema também é de interesse para a Linguística Textual. O foco pode ser as associações, as analogias, as correlações, as relações hiper- e hiponímicas, as meronímias, as antonímias, as sinonímias ou, ainda, a coerência e a topicidade (cf. Marcuschi, 1999: 33-35).

da leitura, mas o conteúdo a ser lido. Embora o leitor usuário do hipertexto (o *hipernavegador*) não escreva o texto no sentido tradicional do termo, ele determina o formato da versão final de seu texto, que pode ser muito diversa daquela proposta pelo autor. [Marcuschi, 2000c: 13 (grifo no original)]

Possenti aponta para um paradoxo decorrente da imagem que se faz do leitor do hipertexto. Segundo Possenti, de um lado, o leitor é o “todo poderoso, pelo menos mais poderoso do que o autor, tanto que decide ir por aqui ou por ali segundo seus interesses pelos links que *quer* visitar” (grifo no original). Do outro, há a projeção de um leitor sem histórias ou sem interesses, que pode dispor de um tempo infinito para flunar pelo ciberespaço, sem se preocupar com questões mundanas como o trabalho e os custos de conexão à internet. Concordo com Possenti que a imagem que se faz do leitor do hipertexto é impraticável na história da leitura e do próprio leitor. A funcionalidade do leitor no hipertexto estaria em sua consideração como sujeito histórico. “O leitor com história, levado ao limite, é o leitor interpelado pela ideologia e submetido por sua formação discursiva, e, seja ou não patrulhado, lerá só que pode ler, com algumas exceções e pequenas escapadas, independentemente dos meios que tiver a sua disposição” (Possenti, 2002: 218).

Acredito na relevância de observações como as Possenti para a problematização do hipertexto e das práticas de leitura e de escrita dele resultantes. A assunção das reflexões em Análise do Discurso tem a contribuir com as que estão sendo realizadas em Linguística Textual por pesquisadores como Xavier, Marcuschi e Koch. Sua anuência significaria repensar, por exemplo, a função autor e a função leitor da perspectiva de suas condições de produção sócio-históricas, o que, provavelmente, modificaria os conceitos vigentes e o encaminhamento das reflexões sobre suas práticas.

### Considerações finais

As conseqüências ligadas aos usos da internet suscitam interesses e esperanças. Espera-se que neste “futuro que já é o nosso presente” [nas palavras de Chartier (2002b)] as práticas com o hipertexto venham a corroborar a formação de cidadãos politizados, cujos conhecimentos e saberes serão potencializados e partilhados pela e na interação com os diversos textos e com o outro.

Com ênfase nas práticas da leitura, Chartier (2002b) acredita que chegou o momento de redefinir as categorias jurídicas (propriedade literária, *copyright*, direitos de autor), estéticas (originalidade, singularidade, criação), administrativas (depósito legal, biblioteca nacional) ou biblioteconômicas (catalogação, classificação ou descrição bibliográfica) (cf. Chartier, 2002b: 117).

De maneira articulada às questões sócio-históricas, mas com ênfase nos estudos lingüístico-discursivos, Possenti (2002) aponta para algumas das conseqüências do hipertexto. O autor suscita a hipótese (sem nela acreditar) de que o hipertexto venha a se revelar um fracasso. O evento terá servido, então, aos propósitos da melhor compreensão da natureza do texto, inclusive na investigação do uso de metáforas na constituição e na manipulação dos próprios textos. O hipertexto também terá colocado em debate a questão da edição, dos direitos autorais, do lugar da crítica, da constituição ou queda dos cânones literários, da possibilidade de ter acesso a leituras proibidas em países de censura férrea, de uma nova *circulação* de textos (Possenti, 2002: 220-221). Todas essas questões levantadas por Possenti e por Chartier têm sua importância na formação das estruturas (hiper)textuais e na constituição da função autor e da função leitor, como procurei problematizar no decorrer deste ensaio.

Marcuschi (2000c) considera que os desafios mais sérios do hipertexto estão na área da produção e do ensino. O hipertexto obriga a pensar em redefinições curriculares, na revisão e na identificação de fontes, no estabelecimento de um corpo de conhecimentos que permita a ordenação do fragmentário. A questão do letramento na escola aliada ao conceito do hipertexto é discutida por Marcuschi (2000c) e por Xavier (2002: 59 ss.). Marcuschi ainda analisa a exigência da solução dos problemas relacionados à noção de relevância (como comentado aqui mesmo), aos sistemas de classificação e à ligação dos conhecimentos. Sugere uma reflexão mais sistemática sobre a questão do contínuo das relações entre oralidade e escrita e sobre o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no meio eletrônico (cf. Marcuschi, 2000c: 21).

Há, portanto, uma profusão de questões associadas ao hipertexto que podem ser investigadas. Como previsto, este ensaio termina com mais perguntas do que respostas. Lanço, ainda, outra questão, relacionada à reflexão de Possenti (2002) sobre o hipertexto e a construção do sentido. Em sua reflexão, observamos que Possenti apoiou-se na relação entre o texto e o hipertexto *escritos*, desconsiderando (não se sabe se de maneira intencional ou não) que o hipertexto dispõe de outros recursos, como a imagem e o som, igualmente constitutivos de suas práticas. De fato, parece haver uma profusão de páginas eletrônicas que se valem somente dos recursos da escrita. Xavier (2002) argumenta que a idéia de que a escrita é a tecnologia enunciativa absoluta também no hipertexto decorre, basicamente, da influência dos modelos mentais herdados das práticas da prensa, da gênese do hipertexto na escrita alfabética e da lentidão no tráfego das informações na *web* (Xavier, 2002: 136).

De meu ponto de vista, estou convencida da necessidade de um olhar mais atento aos componentes não verbais desses gêneros em emergência. Existem, certamente, limites para a constituição de um objeto de estudo em quaisquer ciências, e esse pode ter sido o critério para que Possenti tenha se ocupado exclusivamente do texto escrito em suporte eletrônico, sem discutir as outras modalidades enunciativas.

Em pesquisas anteriores (Komesu, 1997; 2001), minha escolha teórico-metodológica priorizou o texto escrito, sem deixar de considerar a relevância dos componentes sobretudo imagéticos, não verbais, uma vez que acredito, com Maingueneau (1984), que os enunciados e os sistemas significantes decorrem de uma *semiótica textual*, que tem por objetivo não sacrificar quaisquer aspectos da construção do sentido de um dado discurso. Permanece, porém, a imprescindível decisão sobre a delimitação de espaços finitos em que se opera a constituição do objeto de estudo, a especificidade e o fechamento do *corpus*.

Em Xavier, vimos que os princípios teóricos que orientam seu trabalho têm origem no sócio-interacionismo (Xavier, 2002: 19). A respeito de sua tese expressa na fórmula “texto + imagem + som = Hipertexto → modo de enunciação digital” (cf. Xavier, 2002: 110), considero que o autor não chega a esgotar as possibilidades das relações que sugere entre o texto escrito, a imagem e o som. No momento da análise dos dados, Xavier focaliza sua atenção em estratégias de referenciação ligadas, principalmente, ao texto escrito, e parece colocar em segundo plano a análise dos dados não verbais. Falta-lhe a articulação de um diálogo mais consistente com outras teorias, como a Semiótica, para a validação de sua tese de um *modo de enunciação digital*. Proponho, pois, uma investigação mais meticulosa em Lingüística que leve em conta a *multimodalidade* (ou *multissemiose*) do hipertexto.

Gostaria, por fim, de ratificar o que considero o traço mais importante do hipertexto: como em todos os usos da linguagem, há sempre a consideração do outro. Se a única tarefa do autor fosse a marcação dos *links*, ele ainda assim teria em seu horizonte a projeção de uma imagem de leitor. Sendo o leitor *co-autor* ou não do hipertexto, ele sempre estará em relação com uma imagem de autor nas práticas da leitura. **É assim que se dá o acabamento do (hiper)texto: com a participação do Outro (no Outro).** Trata-se da constituição de uma



alteridade multilinearizada, fragmentada, descorporalizada, volatilizante, decorrente de nossas relações atuais com as coisas do mundo.

#### Referências bibliográficas

- ANIS, J. L' hypertexte comme hypermétaphore. *LINX*, n.40, 1991 (1). p.237-256.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2.ed. Trad.: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.67-70.
- \_\_\_\_\_. *S/Z*. Trad.: Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BOLTER, J.D. *Writing space: computers, hypertext and the remediation of print*. 2.ed. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 2001.
- BUSH, V. As we may think. *The Atlantic Monthly*, julho de 1945. Disponível em: <http://www.georgetown.edu/faculty/jod/texts/vannevar.bush.html>. Coletado em: 15/04/04.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- \_\_\_\_\_. Línguas e leituras no mundo digital. In: *Os desafios da escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002a. p.11-32.
- \_\_\_\_\_. Morte ou transfiguração do leitor? In: *Os desafios da escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002b. p.101-123.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v.1. Trad.: Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p.11-37.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 5.ed. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. O que é um autor? In: *O que é um autor?* 3.ed. Trad.: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. /s.l./ Vega, 1992. p.29-87.
- KOCH, I.G.V. Texto e hipertexto. In: *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002. p.61-73.
- \_\_\_\_\_ & TRAVAGLIA, L.C. *A coerência textual*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOMESU, F.C. *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor*. Dissertação (Mestrado) em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2001. Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre.
- \_\_\_\_\_. *A notícia digital*. Trabalho de conclusão do Curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru (SP): /s.n./, 1997. Orientador: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa.
- LANDOW, G.P. *Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins, 1997.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. 2. ed. Liège: Pierre Mardaga, 1984.
- MARCUSCHI, L.A. A coerência no hipertexto. *I Seminário sobre hipertexto*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000a. 17p. (Mimeo)

- \_\_\_\_\_. Hipertexto: definições e visões. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000b. 16p. (Mimeo)
- \_\_\_\_\_. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, n.3. Campinas (SP): Pontes, 1999. p.21-45.
- \_\_\_\_\_. O Hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000c. 22p. (Mimeo)
- POSSENTI, S. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba (PR): Criar, 2002. p.205-225.
- RIBEIRO, J.C. S. & JUCÁ, V.J. A experiência da hipertextualidade e suas inversões. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/experien.html>. Coletado em: 15/04/04.
- VANDENDORPE, C. *Du papyrus à l'hypertexte: essai sur les mutations du texte et de la lecture*. Paris: La Découverte, 1999.
- XAVIER, A.C.S. *Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado) em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2002.